



On 7 October, we mark two years since the beginning of the ongoing genocide against the Palestinian people in the Gaza Strip. During this time, at least 65,000 Palestinians have been killed. Despite mounting international concern, the violence continues not only in Gaza but also in the occupied West Bank, where collective punishments, movement restrictions, and settler violence have intensified.

In September 2025, the UN Independent International Commission of Inquiry on the Occupied Palestinian Territory confirmed that Israel has committed genocide against Palestinians in Gaza and urged “Israel and all States to fulfil their legal obligations under international law to end the genocide and punish those responsible” (A/HRC/60/CRP.3, 16 September 2025). The International Court of Justice has similarly found Israel’s acts to be plausibly genocidal in *South Africa v. Israel*. The UN Special Rapporteur on the situation of human rights in the Palestinian Territories occupied since 1967, Francesca Albanese, has detailed “the anatomy of a genocide” (2024) and the “economy of genocide” (2025). In September 2025, the International Association of Genocide Scholars (IAGS) adopted a resolution affirming that Israel’s policies and actions in Gaza fulfil the definition of genocide set out in the 1948 Genocide Convention.

This genocidal violence extends to the systematic destruction of education and knowledge production. The assault on Palestinian academic institutions has been described as a *scholasticide*. The annihilation of educational spaces and intellectual life, which amounts to epistemic violence and an attempt to erase culture, knowledge, and autonomy. Universities worldwide, including our own, cannot be silent in the face of this.

Academic institutions are often entangled, through partnerships, research agendas, or financial investments, with structures of militarisation and colonial violence. Recognising these structural complicities is essential to rethinking academia’s role in relation to global injustices.

To mark this day, we will support and participate in the vigil organised by *Estudantes pela Palestina* on Tuesday 7 October at 14:30 in the Iscte courtyard, beneath the olive trees. This vigil is a space of reflection and commemoration, but also of collective responsibility. We warmly invite everyone to join, reinforcing the political and ethical urgency of global mobilisation against genocide, that has spread across the world.



OPal
Observatório de
Estudos da Palestina

No dia 7 de Outubro, completam-se dois anos desde o início do genocídio em curso contra o povo palestino na Faixa de Gaza. Durante este período, pelo menos 65.000 palestinos foram mortos. Apesar da crescente preocupação internacional, a violência continua não só em Gaza, mas também na Cisjordânia ocupada, onde se intensificaram os castigos coletivos, as restrições de circulação e a violência dos colonos.

Em setembro de 2025, a Comissão Internacional Independente de Inquérito da ONU sobre os Territórios Palestinos Ocupados confirmou que Israel cometeu genocídio contra os palestinos em Gaza e instou "Israel e todos os Estados a cumprirem as suas obrigações legais ao abrigo do direito internacional para pôr fim ao genocídio e punir os responsáveis" (A/HRC/60/CRP.3, 16 de setembro de 2025). O Tribunal Internacional de Justiça considerou ainda os atos de Israel plausivelmente genocidas no caso África do Sul vs. Israel. A Relatora Especial da ONU para a situação dos direitos humanos nos Territórios Palestinos ocupados desde 1967, Francesca Albanese, detalhou "a anatomia de um genocídio" (2024) e a "economia do genocídio" (2025). Em Setembro de 2025, a Associação Internacional de Académicos do Genocídio (IAGS) adotou uma resolução afirmando que as políticas e ações de Israel em Gaza cumprem a definição de genocídio estabelecida na Convenção do Genocídio de 1948.

Esta violência genocida estende-se à destruição sistemática da educação e da produção de conhecimento. O ataque às instituições académicas palestinianas tem sido descrito como um escolasticídio. A aniquilação dos espaços educativos e da vida intelectual, que equivale à violência epistémica e a uma tentativa de apagar a cultura, o conhecimento e a autonomia. As universidades de todo o mundo, incluindo a nossa, não podem ficar caladas perante isto.

As instituições académicas estão frequentemente envolvidas, através de parcerias, agendas de investigação ou investimentos financeiros, com estruturas de militarização e violência colonial. Reconhecer estas cumplicidades estruturais é essencial para repensar o papel da academia face às injustiças globais.

Para assinalar este dia, apoiaremos e participaremos na vigília organizada pelos Estudantes pela Palestina na terça-feira, 7 de outubro, às 14h30, no pátio do Iscte, sob as oliveiras. Esta vigília é um espaço de reflexão e de comemoração, mas também de responsabilidade coletiva. Convidamos calorosamente todos a participar, reforçando a urgência política e ética da mobilização global contra o genocídio que se espalhou pelo mundo.